



**EROS E ERÓTICA COMO POÉTICA DE ENCANTAMENTO:
RE-EXISTÊNCIAS ANCESTRAIS FEMININAS DE
CONTRACOLONIZAÇÃO DESDE/COM FILOSOFIAS
AFRORREFERENCIADAS¹**

ADILBÊNIA FREIRE MACHADO²

RESUMO: Este texto tem o intuito de dialogar partindo de filosofias africanas tecidas pelos saberes ancestrais femininos e pelo encantamento. Desse modo, o *eros* e a erótica apresentam-se como metodologias e movimentos ancestrais encantados de contracolonização, posto dialogarmos partindo de saberes orgânicos tecidos desde o centro da terra. Assim, dialogamos com sabedorias pautadas no movimento de pertencimento, de resistências e re-existências, de ética amorosa para potencialização de nossas vidas, de reconhecimento e reescrita de nossas histórias, cujo feminino é essa energia co-criadora que permite a própria vida. Movimentos afropindomâmicos de resistências ancestrais encantadas femininas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofias da Ancestralidade e do Encantamento; Ética Amorosa; Contracolonização; Sabedorias Afrorreferenciadas; Feminino.

ABSTRACT: This text intends to dialogue based on African philosophies woven by female ancestral knowledge and enchantment. In this way, *eros* and erotica are presented as methodologies and enchanted ancestral movements of counter-colonization, as we dialogue based on organic knowledge woven from the center of the earth. Thus, we dialogue with wisdom based on the movement of belonging, resistance and re-existence, of loving ethics to enhance our lives, of recognition and rewriting of our stories, whose feminine is this co-creating energy that allows life itself. Afropindomamic movements of female enchanted ancestral resistances.

KEYWORDS: Philosophies of Ancestry and Enchantment; Loving Ethics; Countercolonization; Afroreferenced Wisdoms; Feminine.

¹ Esse artigo fora publicado no livro *Ensaio de filósofas brasileiras* organizado por Ana Colantoni, Carla Damião e Georgia Amitrano. Com tradução para o inglês de John David Bagnall – Rio de Janeiro: Ape’Ku, 2022. Aqui trago um texto revisado.

² Profa. Adjunta da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do PPGEduc (Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) / UFRRJ. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora do Eixo Científico Filosofia Africana e Afro-diaspórica da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negr@s (ABPN). Sócia Fundadora da Rede Africanidades (UFBA). Membro da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. E-mail: adilbenia@ufrj.br.

Comparo a mulher à terra porque lá é o centro da vida.
Da mulher emana a força mágica da criação.
Ela é abrigo no período de gestação.
É alimento no princípio de todas as vidas.
Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra.
Paulina Chiziane (*Eu, mulher - por uma nova visão do mundo*).

Desejos Iniciais: *eros*

Dialogar *desde / com* filosofias africanas, afrorreferenciadas a partir de relações com o *eros* é refletir a potencialização da vida, modos de resistência e re-existência dos povos negros; é pensar nas entranhas, nas veias, na rugosidade de nossa pele, que representa a ancestralidade que nos tece... Pensar em tudo isso é movimento próprio do encantamento.

Nesse sentido, este ensaio busca refletir resistências e re-existências do povo negro em diáspora no Brasil, dialogando desde/com o feminino, desde/com vozes-mulheres, pensando o *eros* e o erótico como fonte de resistência, de encontro íntimo e potente, portanto, criativo, partindo de nossa intimidade, fortalecendo nossa espiritualidade, saberes que há na profundidade do nosso ser, nossas rugosidades, possibilitando relações comunitárias, criativas, libertárias. Isso porque o *eros* impulsiona nossa vitalidade ancestral no qual o erótico apresenta-se como “o nutriente e o embalar de toda nossa sabedoria mais profunda”. (LORDE, 1984, online).

O *eros*, aqui, apresentar-se-á como um Odu³ (*caminho*) implicado na contracolônização do conhecimento desde a produção de metodologias, didáticas, currículos, teorias tecidas por conteúdos oriundos de nossas próprias experiências, de nossos próprios saberes, nossas histórias, nosso íntimo, nossa ancestralidade, nosso pertencimento, nosso encantamento, o que quer dizer, nosso(s) modo(s) de ser / estar no mundo, a(s) dança(s) do nosso ser / viver, o desejo pelo viver! Contracolônizar, como nos ensina o pensador quilombola Nego Bispo, Antônio Bispo dos Santos, é “reeditar as nossas trajetórias a partir de nossas matrizes” (2018), portanto, é sabedoria orgânica pois “se desenvolve desenvolvendo o ser” (Ibid).

³ A Metodologia dos Odus, que também é conteúdo, se inspira no Ifá (que é “Orumilá, o oráculo divino, deus da sabedoria iorubá” (RIBEIRO, 1996, p. 263 *apud* MACHADO, 2019c, p. 06)), tendo o Opelê Ifá como fonte pois, o Opelê “é um instrumento (...) para me comunicar com o oráculo, ele é efetivamente a metodologia, o instrumento, aquele que faz a comunicação, aquele que revela a sabedoria produzida pelos antepassados para os viventes de agora e atualiza essa sabedoria na experiência desses viventes de agora” (OLIVEIRA *apud* MACHADO, 2014, p. 99). Desse modo, “os Odus, ou seja, conteúdo e metodologia, apresentam chaves de leituras e de interpretações, instrumentos para produção de outros olhares sobre a história e cultura a africana e afro-brasileira, trazendo sempre os deslocamentos de sentidos, a coletividade, a memória, o corpo e a ludicidade como fios condutores dessa produção” (MACHADO, 2019c, p. 07). Assim, tal metodologia tem intuito de contribuir com a implementação da Lei 10.639 / 2003 que torna obrigatório o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira. Vide: *Odus: filosofia africana para uma metodologia afrorreferenciada* (MACHADO, 2019c).

Desse modo, apenas nós mesmas, nosso povo, temos o poder de reeditar nossas trajetórias, pois nos constituímos desde territórios ancestrais, circulares, plurais, politeístas (Idem). Contracolonizar é movimento próprio do encantamento, que promove resistências e re-existências nesse mundo marcado pelo desencantamento do mundo.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dança, de cantar. (KRENAK, 2019, p. 26).

Eros apresenta-se, então, como essa implicação com “o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar”, de criar, de fazer chover, de fazer sol, de desejar, de amar, de ser de corpo inteiro. A humanidade atual, marcada pelo capitalismo, pelo consumismo, pelo individualismo, nos ensina a não tolerar a potencialização da vida, “pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos” (Ibid, p. 27). Portanto, o *eros* está implicado em “adiar o fim do mundo”, contando nossas histórias, negras e pindoramas⁴, que por tanto tempo foram negadas, negativizadas, silenciadas, pois “é importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo, não como uma metáfora, mas como fricção, poder contar uns com os outros” (Ibid). As cosmopercepções africanas e indígenas estão implicadas com a potencialização da vida, com o viver intensamente, dançar, cantar, sonhar, desejar, amar, ser de corpo inteiro, sentir-se, ter a erótica como potência da e para a vida, posto que

O erótico não é sobre o que fazemos; é sobre quão penetrante e inteiramente nós podemos sentir durante o fazer. E uma vez que saibamos o tamanho de nossa capacidade de sentir esse senso de satisfação e realização, podemos então observar qual de nossos afãs vitais nos coloca mais perto dessa plenitude. (LORDE, 1984, online).

Há uma ancestralidade delineada por pessoas que lutaram, sobreviveram à colonização, às colonialidades, com criatividade e poesia (KRENAK, 2019), buscando nossa vitalidade e nossa plenitude que vêm de nossas entranhas, ou seja, ancestralidade encantada! A filosofia do encantamento apresenta-se como maneira criativa, poética, inclusiva, erótica... das culturas africanas, afro-diaspóricas, afro-pindomaras, pindoramas, em movimentos contracoloniais de

⁴ Os povos de língua Tupi que já se encontravam aqui quando nosso país foi invadido (falaciosamente “descoberto”), “chamavam essa terra de Pindorama (Terra das Palmeiras)”, como afirma Nego Bispo (SANTOS, 2019, p. 20). Nego Bispo ainda diz que “sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o seu nome”. (Ibid). Quebra-se as identidades com “intuito de os coisificar/desumanizar” (Ibid). Na 1ª Edição de “Colonização, quilombos: modos e significações” há a seguinte nota de rodapé: “Pindorama (Terra das Palmeiras) é uma expressão tupi-guarani para designar todas as regiões e territórios da hoje chamada América do Sul.” (2015, p. 20).

criação, orgânicos diante do genocídio e do epistemicídio que ainda nos assola. Movimentos de pertencimento, pois “pertencer”, como diz Halina Leal, prefaciando bell hooks na obra “pertencimento: uma cultura do lugar”, “envolve reconhecer o valor da vida, respeitando a diversidade de ecossistemas e experimentando a conexão entre o mundo natural e a liberdade possível advinda daí” (2022, p. 11). Pertencimento é movimento de “conexão de si com a natureza, a uma prática contemplativa que permite tirar um tempo para sentar na varanda, caminhar, pescar e caçar vaga-lumes” (hooks, 2022, p. 73), levando-nos à libertação, pois ancestralidade encantada restaura “nossa conexão com o mundo natural”.

Criação que se dá desde perspectivas de re-existências uterinas, femininas, desde o feminino que potencializa a vida, que permite existir intimamente com o nosso ser, com nossas potencialidades, nossa intimidade delineada pela ancestralidade. Ela permite potencializar o *eros*, viver tecidas pelo erótico, pois

quando começamos a viver desde dentro pra fora, conectadas ao poder do erótico dentro de nós e permitindo que esse poder preencha e inspire nossas formas de atuar com o mundo que nos rodeia, então é que começamos a ser responsáveis por nós mesmas no sentido mais profundo. (LORDE, 1984, on-line).

Liberdade como implicação, consciência, pertencimento, responsabilidade, escuta de si, engajamento crítico, ética do cuidado (MACHADO, 2019b). Tendo o conhecimento implicado em ser liberdade concreta, real, pois o conhecimento só transforma a educação, a filosofia, segundo a obra de Paulo Freire, dialogando com bell hooks (2017, p. 26), “só pode ser libertadora quando todos tomam posse do conhecimento como se este fosse uma plantação em que todos temos de trabalhar”. Coletividade! Práxis! Comunitarismo! Igualdade e Justiça! Ancestralidade! Encantamento! *Eros*!

Para nós, sabedoria orgânica, libertadora, tem uma relação intrínseca com o chão que pisamos, com nossas experiências, com a terra que nos acolhe e nos permite enraizamento, florescimento. Paulina Chiziane (2016, p. 08) compara a mulher à terra, pois “a terra é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período da gestação. É alimento no princípio de todas as vidas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra”. Por sua vez, Vanda Machado nos diz:

a terra, a água, a natureza são manifestações de princípios ancestrais construtores dos seres humanos. *A terra é mãe, é mulher, é generosa, é sedutora. A terra se enfeita e se aquece, se oferece para receber a chuva, sêmen que molha e deixa exalar um cheiro de vida. A terra é viva e abre suas entranhas para receber novas sementes, novas folhas, novos frutos. A terra é próspera. A terra é sagrada. Cada pedaço de terra, por menor que seja, por certo é uma síntese do mundo, uma referência de vida, assim como a água.* (2013, p. 78, grifos meus).

Ancestralidade crivada do encantamento afro-pindorâmico é tecida pelos saberes ancestrais femininos, essa energia gesta o mundo, essas cabaças carregam o mundo em conexão com a natureza que nos habita e nos permite ser, assim, ao recuperarmos “o legado de noss[a]s ancestrais que sabiam que a maneira como tratamos a terra e a natureza pode determinar o nível de nosso amor-próprio, [a pessoa afro-pindorâmica] precisa reivindicar um legado espiritual no qual conectamos nosso bem-estar ao bem-estar da terra. Essa é uma dimensão necessária de cura”. (hooks, 2022, p. 74). As filosofias da ancestralidade e do encantamento são movimentos de libertação, portanto, de cura, onde somos de corpo inteiro.

Ancestralidade, corpo inteiro, percepções e sentidos

Em consequência do racismo e do epistemicídio criado pelo pensamento ocidental, a hegemonia cultural euro-americana, assim como a expansão europeia, caracterizam-se, como nos afirma a nigeriana Oyèrónké Oyěwùmí (2004, p. 01), como fundante na chamada era moderna. Oyèrónké Oyěwùmí (Ibid) assegura que “em nenhum lugar isso é mais profundo que na produção de conhecimento sobre comportamento humano, história, sociedades e culturas”, o que implica que “interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais, categorias sociais” (Ibid) do “homem” euro-americano acaba por dominar a escrita de nossa história, nos proporcionando um grande problema que é a “racialização do conhecimento” (Ibid). Além da racialização do conhecimento, há o sexismo imperando e trazendo consequências nefastas para nós mulheres. Creio que, para o próprio conhecimento, para a própria humanidade, “toda opressão deve corromper ou distorcer as fontes de poder inerentes à cultura das pessoas oprimidas, fontes das quais pode surgir a energia da mudança. No caso das mulheres, isso se traduziu na supressão do erótico como fonte de poder e informação em nossas vidas”. (LORDE, 1984, on-line); erótico como fonte de sabedoria, de pertencimento.

A Europa coloca-se como única fonte do conhecimento (de cultura, da própria humanidade), além de universal, generalizante. Desse modo, os europeus (homens brancos, héteros, cristãos, com poder aquisitivo, etc.) são considerados os únicos capazes de conhecer, de aprender, de ensinar, de filosofar, colocando o “resto” do mundo à margem, negando, inclusive, a capacidade dos povos africanos de adquirir conhecimento, de “racionalizar”, de filosofar (MACHADO, 2012, 2014, 2019a), negando a própria humanidade de outros povos, fundamentalmente, os africanos, justificando a colonização, o racismo e o epistemicídio a que grande parte do continente fora submetida e que continua assolando os povos africanos de

África e de sua diáspora. Às mulheres também fora negado o conhecimento, pois, segundo esses homens, somos seres de sentidos, e seres que sentem, que desejam, que se emocionam, não são capazes de filosofarem. Desse modo,

fomos ensinadas a desconfiar desse recurso [erótico], que foi caluniado, insultado e desvalorizado pela sociedade ocidental. De um lado, a superficialidade do erótico foi fomentada como símbolo da inferioridade feminina; de outro lado, as mulheres foram induzidas a sofrer e se sentirem desprezíveis e suspeitas em virtude de sua existência. Daí é um pequeno passo até a falsa crença de que, só pela supressão do erótico de nossas vidas e consciências, podemos ser verdadeiramente fortes. Mas tal força é ilusória, porque vem maquiada no contexto dos modelos masculinos de poder. (LORDE, 1984, on-line).

Esse racismo epistemicida, sexista e genocida “enfraquece a criatividade vinda da própria experiência de outros lugares que não aparecem como nucleares para a produção do conhecimento e da filosofia, além de invisibilizar a rica e multifacetada produção de pensamento filosófico fora do citado eixo” (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 80), euroamericano que cria o ocidentocentrismo. Isso implica na necessidade urgente de contracolônização do pensamento, do conhecimento, da filosofia, pois que:

Uma filosofia descolonizada estaria comprometida em pensar não apenas o local, mas desde o local, pensando estratégias que, atentas ao modo eurocêntrico de produzir conhecimento e filosofia, teriam as filosofias produzidas na Europa e nos EUA como apenas algumas entre outras formas de produzir a filosofia, o que ampliaria o aspecto da discussão sobre modos de produção filosófica (FLOR DO NASCIMENTO, 2012, p. 80).

Portanto, é fundante pensarmos desde as pluriversalidades, as multiplicidades, além de desconstruirmos a perspectiva de que foram os homens que construíram essa história (o conhecimento em geral), pois “o privilégio do gênero masculino como uma parte essencial do *ethos* europeu está consagrado na cultura da modernidade” (OYĚWŪMÍ, 2004, p. 01). Assim sendo, “o uso do masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência” (KILOMBA, 2019, p. 108), e as mulheres negras a não existência da não existência, a negação da negação, o *outro do outro*, o *não ser do não ser* (CARNEIRO, 2005; ROCHA, 2014).

Entretanto, nós - mulheres negras - somos força, potência, voz e ação dentro de todos os processos de construção do conhecimento, de saberes... Somos fundantes na construção de tudo o que existe. Sem a mulher não há vida! Assim, não apenas a estrutura do conhecimento deve ser mudada, mas também o modo como tal estrutura é escrita, perpassada, falada, pensada, pois “o epistemicídio opera em estreita consonância com o dispositivo de racialidade na

afirmação da hegemonia branca masculina na filosofia, e na deslegitimação das mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico” (ROCHA, 2014, p. 15).

Importante pontuar que é impossível contracolonizarmos sem mudarmos nossas diversas formas de escritas (faladas, escritas, corporais, etc.), pois carregam uma herança colonial e patriarcal que precisa ser transformada (KILOMBA, 2019). Ao refletirmos acerca das línguas escritas e faladas, concordamos com Grada Kilomba quando afirma que:

A língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem pode representar a *verdadeira condição humana*. (2019, p. 14, grifos da autora).

Grada Kilomba ainda afirma, ao falar sobre a palavra sujeito, que “é importante compreender o que significa uma identidade não existir na sua própria língua, escrita ou falada, ou ser identificada como um erro. Isso revela a problemática das relações de poder e violência na língua portuguesa, e a urgência de se encontrarem novas terminologias.” (Ibid, p. 15).

Partindo de questões como as apresentadas acima compreendo ser fundante pensar / criar / filosofar desde outros lugares, desde existências coletivas, culturas locais, desde vozes negadas, desde vozes femininas negras, pindoramas, numa perspectiva de mudança da estrutura dos conhecimentos vigentes, onde possamos ser, pertencer, existir em nossas potencialidades, provocando mudanças de paradigmas, inclusive do próprio modo de se fazer / pensar / criar a filosofia. Filosofar de corpo presente, inteiro, focando a humanidade infinita de todas as pessoas, sem verdades absolutas, universais, impositivas. Implicar-se com a compreensão de que as experiências são universais por ser desde um lugar, experiência de um povo... é aprender como pegar nossas diferenças e transformá-las em forças. Usar nosso *eros* como potência para ser / viver de corpo inteiro. Ter o conhecimento como oriundo de nossos corpos, transformados em sabedorias por nossas experiências, assim, compreender que “as ferramentas do mestre não irão dismantelar a casa do mestre.” (LORDE, 2013).

As filosofias africanas contemporâneas com sua diversidade e transversalidade nascem do encantamento, pois é uma implicação diante da vida, diálogos formativos com o *eros*. É tecida por cosmopercepções diversas, o aprender / ser / criar / pensar de corpo inteiro, pois a cosmopercepção “... é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (...) que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo uma combinação de sentidos” (OYÈWUMÍ, 1997). Assim, quando Oyèróké Oyèwumí cria esse conceito, em acordo com Aline Matos Rocha (2018, p. 44),

a epistemóloga não está abrindo mão da noção de cosmovisão, mas sim do seu privilégio visual sobre os outros sentidos, sua universalidade, e sua restrição para se pensar tudo, marginalizando o fato de que há um consenso sobre a primazia da palavra falada (audição como sentido) sobre a palavra escrita (visão como sentido), na produção do conhecimento para os povos iorubás, onde a oralidade (e portanto, a audição), não pode ser secundária diante da visão. Oyèwùmí, está problematizando que se há outras sensações envolvidas no ato de ver, não podemos apenas utilizar a metáfora da cosmovisão para todas as sociedades no mundo. Cabe salientar que para a cultura oral, uma metáfora jamais perde seu objeto inicial: não existem metáforas mortas para os iorubás. Desse modo que a noção de cosmovisão (mesmo os ocidentais afirmando existir uma noção ampla de visão ou olhar) sempre se remeterá aos olhos e sua capacidade de enxergar.

Portanto, as filosofias africanas são filosofias tradicionais que se movimentam desde sabedorias de ontem, hoje e amanhã, memórias e travessias, sensações, erótica que tece o viver de corpo inteiro, um corpo que sente, que experimenta, que vive e se vive. Desse modo, são filosofias que vibram corpos reluzentes. Sabedorias de ontem que se atualizam hoje permitindo outros amanhã. movimentos *Sankofas*⁵. Sabedorias oriundas dos movimentos próprios de ser / existir / sentir de corpo inteiro. Corpos inteiros cheios de sentidos, produtores e condutores de conhecimentos, de sabedorias, pois como afirma Eduardo Oliveira, “conhecer é reter informações, dominar técnicas e reflexões. Sabedoria é mais! Sabedoria é viver o que se conhece” (2007, p. 110).

Nesse sentido, compreendemos nossos corpos como templos-ancestrais, pois estabelecemos rupturas com a colonialidade, moldando-nos pela pedagogia da ancestralidade, como nos ensina Kiusam de Oliveira, que afirma:

não se trata mais de falar pelo corpo, mas proporcionar situações para que o próprio corpo fale por si, alimentado pela cultura vivida na e pela carne. Esse corpo-templo que se (re) significa na e para a resistência, com o propósito de se tornar um corpo-templo-resistência – porque resistir às atrocidades também é sagrado –, acaba por estar conectado com a realidade vivida na coletividade, em seu entorno e, dessa forma, é um corpo capaz de sobreviver às intempéries sociais. (2019, on-line).

Buscamos nos guiar desde/com corpos templos-ancestrais que tem a sabedoria orgânica, da terra, como guias, e não sabedorias delineadas por corpos marcados por olhares que diferenciam, corpos coloniais, como chama a atenção Oyèrónké Oyèwùmí (1997, *apud* ROCHA, 2018, p. 46):

A razão pela qual o corpo tem tanta presença no Ocidente é que o mundo é percebido principalmente pela visão. A diferenciação dos corpos humanos em termos de sexo, cor da pele e tamanho do crânio é um testemunho dos poderes atribuídos ao ‘ver’. O olhar é um convite para diferenciar.

⁵ Símbolo Adinkra que significa que “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás”. Fonte: Elisa Larkin Nascimento; Luis Carlos Gá. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Vide MACHADO, 2019.

É preciso contracolonizarmos nossos olhares (MACHADO, 2014). Nesse sentido, as filosofias africanas são abertas para acontecimentos, filosofia dos sentidos, do corpo-templo-ancestral, da diversidade, dos encontros / encantos com a diversidade cultural e a diversidade que há em cada uma de nós, com nossos *eros*, em que as diferenças são compreendidas como possibilidades, como ética de sentidos e potencialização da vida. Filosofias que criam e encantam mundos, ressignificam e dão sentido; éticas implicadas no cuidado de si, das pessoas, da filosofia do desejo. Filosofia da Natureza, do ser em sua completude, do pertenSer.

Assim, nossas perspectivas, nossas buscas e nossos desejos giram em torno do filosofar, de transmitir conhecimentos, sabedorias oriundos de nossas vivências / experiências / desejos / histórias / memórias, *escrevivências* (EVARISTO, 2018), compreendendo-se em uma relação desde nossos terreiros para os terreiros do mundo (nossos corpos cheios de desejos são nossos primeiros terreiros, além daqueles que são em todos os outros terreiros), são as travessias de nosso ser / viver / sentir / desejar (MACHADO, 2019, pp. 64-65). Compreensão do ser humano em sua completude, da pessoa em sua integridade. Desse modo, as filosofias oriundas da ancestralidade e do encantamento africano-pindorâmico é perpassada por inspirações, criticidade, desejo e respeito pela diversidade, inclusive a de cada uma de nós, sempre em uma relação de corpo inteiro, com todos os sentidos, onde a razão só existe delineada pela emoção, pela sensibilidade, pelos sentidos, pela escuta sensível... a ética de viver no coletivo tecido pela implicação com a vida.

Saberes delineados pela arte do encontro / encanto, pelas relações consigo e com o que está a nossa volta, com os seres existentes, com a valorização de nós mesmas e da natureza. Tempo ancestral tecido pela natureza. Valorização de nossa memória ancestral, da oralidade que não deixa essa memória ser esquecida, mas que encanta, como nos conta (encanta) Conceição Evaristo (2018, on-line): “A oralidade me deu o encantamento pela palavra. [...] preparou essa sensibilidade para colher os fatos do mundo. [...] a palavra, independente de ser escrita ou não, pode ser extremamente libertadora. Assim como pode ser castradora, impositiva, pode ser libertadora”. Despertar nosso eu, encantar-se é reconhecer o erótico em nós e assim implicar-se com a vida de maneira responsável e íntima, é ouvir o nosso íntimo! Libertar-se! Encantar-se e encantar!

A nigeriana Chimamanda Adichie, em seu discurso “Sejamos todos feministas” (2014, p. 42), diz que “meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças”, assim ela pergunta: “e se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar

gênero?” (ADICHIE, 2014, p. 44). Isto é, focarmos em um mundo mais justo para nós, focando em nossa humanidade, em nossas energias eróticas, garantindo nosso bem-viver em uma relação íntegra com a nossa intimidade e o mundo. Focarmos, também, em ensinar meninas a não anularem suas personalidades, qualquer que seja ela, a ouvir, entender e expressar a erótica que a tece, em ensinarmos meninos a expressarem sua sensibilidade, sem nos preocuparmos com os estereótipos ditados por uma sociedade que desumaniza, uma sociedade homofóbica, misógina, machista, sexista, patriarcal, que não foca nas capacidades das pessoas, na intimidade, na sensibilidade de cada uma. Se assim fizéssemos, certamente teríamos um mundo mais justo, mais humano (ADICHIE, 2014). Penso que devemos focar na pessoa, na sua integridade e nos seus valores, sem nos prendermos em “gênero”, pois antes de tudo somos pessoas e viemos ao mundo para nos fortalecermos enquanto tal (MACHADO, 2019).

Ter o mundo perpassado pelo feminino é criar outro(s) mundo(s), oriundo do viver bem, viver respeitando a subjetividade de cada uma, valorizando-as, construindo com, ouvindo, sentindo, aprendendo, dançando, cantando... Valorização infinita da humanidade de cada uma de nós, do erótico que nos impulsiona em nossas re-existências. Esse é o intento da vida, reconhecer nossas potências, nossos valores e nossas singularidades, e também promover danças, encontros / encantos, filosofias ancestrais tecidas pelo feminino potente, erótico. Esse erótico, em diálogo com Audre Lorde (1984, on-line), é compreendido como “uma declaração da força vital das mulheres, daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e uso estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amor, nosso trabalho, nossas vidas”. Pensar as filosofias africanas desde/com a energia feminina é tecer o conhecimento, trançar sabedorias em intimidade com nossas existências e re-existências, com as entranhas da profundidade do nosso ser.

Eros e saberes ancestrais femininos

Os saberes ancestrais femininos propõem que nos autorizemos a construir nossas próprias histórias, re-construí-las, contar sobre nós mesmas, desde nossas vivências, experiências, sentidos e sentimentos, *escrevivências*, desde a nossa intimidade, a escuta sensível de nós mesmas... Convite contínuo a nos autorizarmos a apresentar, tecer, pintar, anunciar nossos conhecimentos, nossos saberes... anúncio como resistência, re-existência, desafio cotidiano, desconstruções, transições, transformações, encantamento... Escuta sensível perpassada pelo tempo nos ensinando a compreender a natureza, nosso *eu* mais profundo... Invisível se fazendo visível, dançando, seduzindo... erotismo subvertendo padrões machistas,

colonizadores, patriarcais... Erotismo como resistência, pois corpo é resistência, potência! Resistência feminina... resistência como potência da vida, encruzilhadas nos ensinando a entender possibilidades diversas de criação e re-criação, potência para criar, re-criar, compreendendo que “o erótico é um recurso dentro de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos”. (LORDE, 1984, on-line). Sabemos que:

O maior horror de qualquer sistema que define o bom em termos de lucro mais do que em termos de necessidade humana, ou que define a necessidade humana pela exclusão dos componentes psíquicos e emocionais dela – o maior horror desse sistema é que priva de nosso trabalho seu valor erótico, seu poder erótico, e rouba da vida seu interesse e plenitude. (Idem)

Nesse sentido, propomos, aqui, pensar filosofias, em diálogo com o *eros*, tecida pelo erótico, com intuito de contracolonização dos conhecimentos, dos sentidos, de nossos corpos, de nossos desejos, de nossos seres. Pois implica-se na escuta de si, uma escuta implicada com a construção de outros mundos, com respeito e valorização de nossos corpos, portanto, nossas existências. Assim, nossos corpos estão em construções e desconstruções constantes, corpos como territórios de resistências, de re-existências, de encantamento. De tal modo, nossas escritas são repetitivas, pois são oriundas da oralidade lida, ouvida, sentida, experienciada, desejada... Escritas que têm o corpo como suporte de vivências, experiências e sabedorias; um corpo que cria textualidades, que tecido por diversos fios cria tramas complexas e únicas, entretanto, sempre em coletivo, de forma comunitária, reinventando a vida, potencializando o encantamento. Corpo ancestral alimentando o cosmoencantamento, pois não nos reduzimos a um modo de ser único, a uma única explicação de mundo, de origem, de nós mesmas, somos diversas! Vivemos em processos constantes de desconstrução, transição, transformação e encantamento (MACHADO, 2019, 2019c)! Nem sempre é possível traduzir o que se pensa / sente / deseja / quer dizer, assim como nem sempre sabemos dizer o que aprendemos... ou desaprendemos! Vivemos processos contínuos de *erotização* e contracolonização de nossos corpos, políticas do bem viver, compreendendo que

...a descolonização como um processo político é sempre uma luta para nos definir internamente, e que vai além do ato de resistência à dominação, estamos sempre no processo de recordar o passado, mesmo enquanto criamos novas formas de imaginar e construir o futuro. (hooks, 2019, p. 37).

A ancestralidade é a trilha da liberdade, liberdade de corpo inteiro! Expansão do nosso eu (coletivo) profundo em um processo contínuo de descoberta e cura das dores do mundo. Conhecimento entendido como ato de amor e este compreendido como “uma combinação de

cuidado, compromisso, conhecimento, responsabilidade, respeito e confiança” (hooks, 2003, on-line), pois, para seres encantados por sua ancestralidade, “o ato de conhecer é um ato de amor, o ato de entrar e abraçar a realidade do outro, de permitir que o outro entre e abrace a nossa” (Idem).

Desde o pensamento plural africano, afrorreferenciado, existimos de corpo inteiro, somos parte da natureza, só existimos em relação com o que existe no mundo, assim, somente é possível pensar de corpo inteiro, o cognitivo e sensorial, razão, emoção, desejo, a natureza da nossa existência, da nossa intimidade e a natureza que permite nosso existir. Pluralidades de sentidos das nossas vivências, das nossas escrevivências, das nossas... Isso porque, como nos diz Vanda Machado (2013, p. 52):

o pensamento africano não separa, não hierarquiza. Corpo, membro, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade que não se presta a explicação reduzida, a categoria que fragmentam sentido.

Filosofias africanas, da ancestralidade e do encantamento são tecidas, bordadas por seres vivos em todas as suas dimensões, seres integrais, engajadas por uma liberdade concreta, justa. Corpo, mente, espírito! Somos seres de sentidos, sensações, percepções, desejos, afetos! O fazer / saber / sentir / desejar é compreendido na experiência, no afetar-se, no desenho tecido desde o conhecimento, a vida e a *poiésis* de encantamento... somos saberes oriundos da arte de viver, do viver a arte, do viver com arte, portanto, do celebrar a vida. São saberes afrorreferenciados, pois são tecidos pela sabedoria oriunda de uma ancestralidade que se reconhece no chão, na terra, é orgânica. É sementeira, sabendo que “a gente semeia e é preciso esquecer a vida guardada debaixo da terra, até que um dia, no momento exato, independente do querer de quem espalhou a semente, ela arrebenta a terra desabrochando o viver” (EVARISTO, 2017, p. 91). O esquecer aqui é o tempo do amadurecer... nossas filosofias desabrocham diariamente, precisamos nos encantar com elas! Elas adubam nossa terra desde os tempos pindorâmicos.

Nesse sentido, filosofias africanas, afrorreferenciadas são tecidas por convites contínuos ao encantamento, ou seja, responsabilidade, compromisso, comprometimento político, ético, erótico, estético, com a potencialização da vida; movimento do criar, co-criar, re-criar, ressignificar desde/com a terra... conhecimento orgânico, contracolonial. Portanto, afrorreferenciado é movimento afropindorâmico, feminino.

Importante dizer que feminino é energia que está em todas as pessoas, é a que permite a criação, o germinar. Sobonfu Somé (2003, p. 48) afirma que:

ser mulher não significa que a pessoa não tem nada a ver com a energia masculina. Da mesma forma, ser homem não quer dizer que a pessoa não tem nada a ver com o feminino. Vaginas e pênis não são as únicas coisas que definem nossa natureza sexual. Nossa vida é influenciada pela presença, dentro de nós, das energias masculina e feminina. É importante que essas energias estejam em harmonia dentro de nós.

Somos energias criativas e é fundante potencializarmos todas essas energias, harmonizando, entendendo que feminino e masculino são plurais, abertos, complementares. O feminino é a possibilidade da existência de uma comunidade e também é quem possibilita sua continuidade. A mulher representa a vida que há em cada uma de nós, em cada ser existente. O feminino é potência do encantamento.

Assim, escolha potencializar o feminino desde vozes-mulheres. Pois, é sabido que a força de mulheres africanas, de mulheres negras, perpassa o tempo e o espaço, uma força presente no cotidiano, no nosso falar, dançar, cantar, ouvir, fazer, em nosso paladar, no nosso modo de acolher, de ser. A mulher negra enraizou o “ensinamento da ética do cuidado” (CARNEIRO, 2006, p. 35) em nosso solo. Entretanto, é fundante demarcar que o cuidado aqui não é negação de si, abnegação, renúncia; mas um cuidado demarcado por luta, por força, pela maternidade entranhada mesmo em quem nunca pariu, pelo deixar-se chorar para aliviar-se, para que a dor traga força, ensine, fortaleça... Pelo aprender a permitir-se ao *eros*.

Travessias Inconclusivas: *Eros – uma poética do encantamento*

Esse texto é bordado pelo desejo que o Odu de *Eros* siga nos alimentando com a memória ancestral de nossos povos, dos femininos que nos tecem; que o *Eros* siga provocando a ampliação de nossas subjetividades, pois foram elas, sendo coletivas, criativas, implicadas na liberdade que nos mantiveram e nos mantêm vivas. Que o Odu de *Eros* potencialize nossas percepções, nossas poéticas de encantamento, implicando nossas diversidades em potencializar nossa alegria de viver, de bem-viver!

O Odu de *Eros* propõe a escuta de nós mesmas, do nosso íntimo e o

almejar a excelência é ir além da mediocridade incentivada por nossa sociedade. Mas sucumbir ao medo do sentimento e trabalhar no limite é um luxo que só pode se permitir quem não tem aspirações, e essas pessoas são aquelas que não desejam guiar seus próprios destinos. (LORDE, 1984, on-line).

A ancestralidade nos ensina que “tudo está no presente. Todo ensinamento pela história está no presente para ser entregue em forma de vivências” (MACHADO, 2013, p. 66), ou seja, todo ensinamento é processo formativo. Isso implica que a ancestralidade se atualiza

continuamente na própria vivência, na experiência, na formação subjetiva que se faz no coletivo, de forma comunitária.

Nesse sentido, ao nos debruçarmos em torno das filosofias africanas, afrorreferenciadas, desde nossas experiências pindoramas, compreendemos que as sabedorias africanas são arte do ser / fazer; são poéticas de encantamento implicadas na política de valorização da vida, do bem viver, do *eros*, da erótica. Assim, a diáspora africana fez-se uma encruzilhada de saberes que atravessaram o mar atlântico e saberes re-inventados e inventados, ressignificados. Refletir / criar / pensar nossas filosofias desde o feminino é construir desde a ética do cuidado, pois, como já dissemos, as experiências das mulheres negras em nosso solo “enraizaram o ensinamento da ética do cuidado” (CARNEIRO, 2006, p. 35), em que

o reconhecimento da alteridade é ensinamento. Mas, o corpo também manipula e é manipulado, explorado, hostilizado por outro. A rebeldia individual é uma forma corporal feminina de buscar liberdade, sempre afirmando a positividade da luta e do sentido da existência (Idem).

É importante frisar que entendemos a diversidade do ser mulher, pois “não somos todas iguais, nem somos completamente diferentes. Contrariando as vozes que o racismo e o machismo propagam, afirmamos aqui nossa Humanidade. Nossas similitudes portanto”. (WERNECK, 2006, p. 09). Assim, falamos desde vozes e experiências plurais que tem o feminino como fundante... Mulheres encantadas e lutadoras, mulheres que cuidam, que sabem que cuidado não é submissão, portanto, são vozes encantadas que buscam potencializar o bem-viver, criar mundos; outros mundos, onde a ampliação e afirmação da liberdade, da ancestralidade, do encantamento são preponderantes. Sabemos que a sociedade patriarcal onde vivemos considera que

mulheres tão empoderadas são perigosas. Então somos ensinadas a separar a demanda erótica de quase todas as áreas mais vitais de nossas vidas além do sexo. E a negligência às satisfações e fundamentos eróticos de nossa práxis se traduz em desafeto por grande parte do que fazemos. (LORDE, 1984, on-line).

Portanto, é fundante se compreender que o feminino está em tudo, em todos os lugares, é a possibilidade de criar, de nascer; é escuta, sensibilidade, motor da existência, inclusive, do próprio mundo; é resistência! O feminino é a energia do encantamento, pois é quem permite o existir, com ética, amorosidade, cuidado, desejo; é o que dá vida, permitindo-a, dando sentido, assim; é a ancestralidade perpassando e criando sentidos, possibilidades. Implicação, resistência, re-existência... erótica!

Reinventar nosso(s) modo(s) de ser / pensar / sentir é implicar-se com a construção de um mundo melhor onde sejamos valorizadas em nossas singularidades para que assim possamos somar no coletivo, no qual possamos experimentar e viver o erótico. Encontrar outras narrativas, outras falas é preponderante, especialmente quando são falas negadas, silenciadas. Ouvir, ler, sentir essas vozes é realizar uma reflexão epistemológica intensa, profunda, um diálogo entre saberes diversos, científicos e não-científicos, numa interação entre culturas diversas, experiências outras que perpassam nossa própria experiência. Conhecimento e cultura, experiências, sensibilidades e epistemologias em comunhão... É fundante compreender, como já fora dito, que a construção epistemológica se dá desde um local, uma cultura, não é um pensamento global para o local, é do local para o global, pois “o mundo e a comunidade somos nós. Para compreender o mundo é preciso compreender a nós mesmos e nossas vivências individuais e coletivas” (MACHADO, 2013, p. 49).

Pensar / criar / tecer filosofias africanas desde saberes ancestrais femininos é implicar-se em uma relação íntima com nossa humanidade, valorizando-nos e nos reconhecendo como potência para a vida e assim reconhecer a potência que existe em cada ser humano, reconhecer e contribuir para que cada pessoa reconheça a potência que há em si... a potência do *eros* que nos implica com e desde o mundo, partindo do desejo de nós mesmas, do respeito à nossa natureza, da escuta de nossa profundidade, do que há de mais íntimo em nós. bell hooks afirma:

Para vivermos nossa vida com base em princípios de uma ética amorosa (demonstrando cuidado, respeito, conhecimento, integridade e vontade de cooperar), temos de ser corajosos. Aprender como encarar nossos medos é uma das formas de abraçar o amor. Talvez nosso medo não vá embora, mas já não ficará no caminho. Aqueles de nós que já escolheram adotar uma ética amorosa, permitindo que ela governe e oriente o modo como pensamos e agimos, sabemos que, ao deixar nossa luz brilhar, atraímos e somos atraídos por outras pessoas que também mantêm sua chama acesa. Não estamos sozin[h]as. (2020, p. 137).

Que nossas buscas potencializem o feminino que há em cada uma de nós, potencializando as estéticas de sentidos do encantamento, da implicação com mundos melhores, com o bem viver... Que nossas escritas sejam reconhecidas como fontes filosóficas, sabendo que as filosofias africanas são tecidas pelo feminino, posto que “nossas ações atuais carregam fundamentos plantados no tempo. ‘Nossos passos vêm de longe’, afirmamos sempre” (EVARISTO *apud* CARNEIRO, 2018, p. 09). Que a ancestralidade africana e o encantamento re-inventem nossos modos de ser / pensar / sentir / agir, modos de implicar-se com a construção de um mundo melhor demarcando conhecimentos afroreferenciados, reescrevendo filosofias, construindo conhecimentos contracoloniais, implicados com um corpo que conhece, sente,

deseja, cria, re-cria, transforma... Que o Odu de *Eros* seja fonte de inspirAÇÃO. Que o Odu de *Eros* acorde a ancestralidade que te habita e te encante!

Na mulher, o tempo...

A mulher mirou-se no espelho do tempo,
mil rugas (só as visíveis) sorriram,
perpendiculares às linhas
das dores.
Amadurecidos sulcos
atravessavam o opaco
e o fulgor de seus olhos
em que a íris, entre
o temor e a coragem,
se expunha
ao incerto vaivém
da vida.

A mulher mirou-se no espelho de suas águas:
- dos pingos lágrimas
à plenitude da vazante.
E no fluxo e refluxo de seu eu
viu o tempo se render.

Viu os dias gastos
em momentos renovados
d'esperança nascitura.
Viu seu ventre eterno grávido,
Salpicado de mil estrias,
(só as contáveis estrelas)
em revitalizado brilho.

E viu nos infindos filetes de sua pele
desenhos-louvares nasciam
do tempo de todas as eras
em que a voz-mulher
na rouquidão de seu silêncio
de tanto gritar acordou o tempo
no tempo.

E só,
só ela, a mulher,
alisou as rugas dos dias
e sábia adivinhou:
não, o tempo não lhe fugiu entre os dedos,
ele se guardou de uma mulher
a outra...

E só,
não mais só,
recolheu o só
da outra, da outra, da outra...
fazendo solidificar uma rede
de infinitas jovens linhas
cosidas por mãos ancestrais
e rejubilou-se com o tempo
guardado no templo
de seu eternizado corpo.

Conceição Evaristo (2018, p. 38-40)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feminista*. Tradução de Cristina Baum, Companhia das Letras, São Paulo, 2014.

CARNEIRO, Fernanda. Nossos Passos Vêm de Longe. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. 2. Ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundante do ser*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Educação junto à área de Filosofia da Educação, FEUSP, 2005.

CHIZIANE, Paulina. *Eu, mulher... por uma nova visão do mundo*. 2.ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2016.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: 'Falar sobre preconceito racial no Brasil é derrubar o mito de democracia racial'. Entrevista realizado por Fernanda Canofre para *Sul21*. Publicado em 04 de Maio de 2018: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Visitado em 05 de maio de 2018.

EVARISTO, Conceição. Prefácio. In: CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

hooks, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

hooks, bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. De coração para coração: ensinando com amor. Heart to heart: teaching with love. In: _____. *Teaching community: a pedagogy of hope*. New York: Routledge, 2003, p. 127-137. Tradução para uso didático de Vinícius da Silva. https://oquartodehooks.wordpress.com/2019/02/10/de-coracao-para-coracao-ensinando-com-amor/amp/?_twitter_impression=true. Acesso em 10 de fevereiro.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação – episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEAL, Halina. *Pertencimento e sua dimensão de cura* (Prefácio). In: hooks, Bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Elefante, 2022.

LORDE, Audre. Mulheres Negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre. Tradução de Renata. Conferência do *New York University Institute for the Humanities*, 1979. Geledés, 10 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-dismantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em 29 de março de 2019.

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. Artigo Original: Use of the Erotic: The Erotic as Power, in: LORDE, Audre. *Sister outsider: essays and speeches*. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59. Tradução feita por Tatiana Nascimento dos Santos – Dezembro de 2009, retirada do Zine “Textos escolhidos de Audre Lorde”.

flor do nascimento, wanderson. Outras vozes no ensino de filosofia: O pensamento africano e afro-brasileiro. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 18: maio-out/2012, p. 74-89. Acesso em 01 de Junho de 2012.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Saberes Ancestrais Femininos na Filosofia Africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, 268p, Fortaleza – CE, 2019.

MACHADO, Adilbênia Freire. *Filosofia Africana: ancestralidade e encantamento como inspirações formativas para o ensino das africanidades*. Fortaleza: Impreco, 2019a.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia africana: ética de cuidado e de pertencimento ou uma poética de encantamento. Número Especial “Filosofia Africana: pertencimento, resistência e educação”: *Problemata: R. Intern. Fil.* V. 10. n. 2, 2019b, p. 56-75.

MACHADO, Adilbênia Freire. Odus: Filosofia Africana para uma metodologia afrorreferenciada. *Revista Voluntas*, Santa Maria, v. 10, p. 03- 25, set. 2019a. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/39952>.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Currículo: Aproximações. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*, Brasília, Vol.0, N.18, maio de 2012. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>

MACHADO, Vanda. *Pele da Cor da Noite*. Salvador: EDUFBA, 2013.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira*. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. Pedagogia da Ancestralidade. In: *Revista eonline*, postado em 18 de Julho de 2019. Visitado em 08 de Agosto de 2019. Vide: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/13431_PEDAGOGIA+DA+ANCESTRALIDADE

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. *African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CORDESRIA Gender Series*. Volume 1, Dakar, CORDESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Visualizando o Corpo: Teorias Ocidentais e Sujeitos Africanos. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. *The invention of women: making an African sense of western gender discourses*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997, p. 1-30. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

ROCHA, Aline Matos. *A corporal(idade) discursiva à sombra da hierarquia e do poder: uma relação entre Oyèwùmí e Foucault*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Filosofia (Fafil), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2018. 98f.

ROCHA, Aline Matos. *Pensar o invisível: as mulheres negras como produtoras de pensamento filosófico*. Monografia (Graduação). Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, 2014. 33f.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos: modos e significações*. 2ª ed. – Brasília: AYÔ, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo. *Colonização, quilombos: modos e significações*. 1ª ed. – Brasília: - 2015.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018.

WERNECK, Jurema. Introdução. WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa; WHITE, Evelyn C (Orgs). *O Livro da Saúde das Mulheres Negras: nossos passos vêm de longe*. Tradução de Maísa Mendonça, Marilena Agostini e Maria Cecília MacDowell dos Santos. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2006.